

recuperação

Banco Central, Afonso Celso Pastore, a prever crescimento positivo do PIB este ano.

POLÍTICA

Um sopro de

O crescimento de 5% na produção industrial, até agora, leva o presidente do

O crescimento da produção industrial, de 5% "até agora", garante "um sopro de recuperação" para a economia este ano. A previsão foi feita ontem em Brasília pelo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, que espera uma evolução positiva do Produto Interno Bruto este ano. Ele disse que os indicadores do IBGE e da Fiesp estão apresentando um comportamento "bem melhor que o esperado". Já os números do Ministério da Indústria e do Comércio indicam que as vendas do setor comercial neste segundo semestre serão ainda piores que na primeira metade do ano, quando foi registrada uma queda real de 11% a 12%.

O ministro Camilo Pena qualificou a inflação como "o maior problema da vida brasileira, muito acima do problema da dívida externa, uma vez que está prejudicando a base do lar brasileiro". A inflação, combinada com a política salarial, tem os piores efeitos possíveis. "São 38 milhões de assalariados que, ao fim do quarto ou quinto mês após a revisão salarial, perderam de 40% a 50% do poder aquisitivo dos seus salários".

Mais otimista, o presidente do Banco Central disse que "a reativação está acontecendo, com a recuperação da oferta de emprego". Para o segundo semestre, a liberalização das importações, até por força da ativação do crédito de US\$ 1,5 bilhão aberto pelo Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos (Extimbank), a partir do próximo dia 25, e de mais US\$ 1 bilhão de outros organismos oficiais, acelerará a recuperação.

A folga nas importações deve aumentar a eficiência e "eliminar gargalos" na produção industrial. Quanto à estimativa original de crescimento zero da economia, Pastore observou que "há coisas em que você pode ter resultados melhores que o previsto".

Reconheceu que setores como o de bens de capital e de construção civil continuam "deprimidos", mas afirma que o comportamento positivo das exportações e da indústria extrativa mineral, basicamente petróleo e ouro, garantem a recuperação do nível de emprego e da produção.

O presidente do Banco Central e também do Bando do Brasil, Oswaldo Colin, negaram a revisão da meta anual de expansão monetária de 50%, embora seja uma possibilidade em aberto diante do quadro inflacionário. Pastore observou que após o mês crítico de abril, quando a base monetária (emissão primária da moeda) cresceu

17,4% e "materializou" o desvio em relação à meta semestral, o Banco Central pode assegurar taxas "cadentes" de expansão monetária. Por isso, nos próximos meses, a política monetária será um instrumento efetivo de combate à inflação.

Segundo Pastore, "o Banco Central não pretende introduzir remédio muito forte capaz de gerar outros problemas graves na economia, como a exacerbação dos juros reais, o que só agravaria a recessão e o desemprego".

Vendas do comércio

O secretário-geral do Conselho de Desenvolvimento do Comércio, do Ministério da Indústria e Comércio, Roberto Nogueira Ferreira, disse ontem, em Belo Horizonte, que o setor deverá apresentar uma queda real de 11 ou 12% no seu movimento do primeiro semestre. Segundo ele, até abril a queda era de 11%, tendo melhorado um pouco em maio, para voltar a cair em junho.

Roberto Ferreira, que esteve em Belo Horizonte para a posse da nova diretoria do Clube de Dirigentes Lojistas, disse que a perspectiva para o segundo semestre é pior, já estando o comércio varejista "muito sacrificado, tendo de promover liquidações como única forma para conseguir vender".

Acrescentou que "os elementos indutores de demanda não se estão manifestando", comprimidos principalmente pelos efeitos da política salarial. "O Decreto-Lei 2.065 é um grande câncer para o comércio varejista."

O novo presidente do CDL de Belo Horizonte, Ronaldo Ferretti, disse também que o comércio local deverá registrar uma queda real entre 10 e 12%. No mês passado houve um crescimento de 4,6% em relação a junho de 1983, mas nos últimos 12 meses a queda acumulada é de 17%.

Credibilidade

O presidente da financeira Fininvest, Oswaldo Antunes Maciel, disse ontem, em Porto Alegre, que "para as taxas de juros baixarem deve haver confiança e credibilidade no País". Se o professor Octávio Gouvêa Bulhões aceitasse assumir o Ministério da Fazenda, "as taxas de inflação cairiam muito, o mesmo acontecendo com as taxas de juros".

